

Quem tem medo de Melanie Klein? Ou continuidade e ruptura: comentários ao estudo dos pensamentos de J. Steiner, M. Feldman e R. Britton*

*Elizabeth Lima da Rocha Barros***, São Paulo

Este artigo é um comentário baseado no trabalho de Joseph Aguayo apresentado no Congresso do Rio de Janeiro em 2005. Nele procuro mostrar que o sistema kleiniano tem seu próprio timing, fruto em parte da pressão interna ao sistema para que se mantenha coerente. Deste modo, as influências de outras escolas nunca são assimiladas diretamente, pois necessitam antes ser metabolizadas dentro do próprio sistema (única forma de incorporação possível), sendo que, neste processo, desaparece a autoria inicial devido à reformulação que esta sofre. Nesta perspectiva, o sistema kleiniano revela-se muito vivo e em pleno desenvolvimento. As contribuições dos kleinianos contemporâneos e seu significado são abordados a partir da perspectiva histórica de E.H. Carr e Q. Skinner.

Descritores: Sistema kleiniano. Pensamento kleiniano. Kleinianos contemporâneos. Relações de objeto. Transferência. Contratransferência. Identificação projetiva.

* Congresso da Associação Psicanalítica Internacional, Rio de Janeiro, Julho de 2005.

** Membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise.

*Que importa quem já é o herói, quem tem
consciência? O que temos que representar é o
processo para chegar lá!*

Ítalo Calvino (1964, 2005)

Tive uma certa dificuldade em definir sobre o que escrever para este painel. Não sabia se deveria me limitar a comentar este excelente trabalho de Joseph Aguayo ou se também deveria tentar abordar a obra destes três autores de um ponto de vista meu como complemento de seu trabalho. Nenhuma destas duas perspectivas me pareceu satisfatória e por fim decidi comentar, ainda que brevemente, o significado desta proposta de Joe de estudar o desenvolvimento do pensamento destes três prolíficos autores kleinianos contemporâneos de Londres e discutir suas respectivas contribuições para a clínica de hoje.

Uma primeira questão a ressaltar é o termo que tem sido usado para designar os mais recentes autores do grupo kleiniano: ora são denominados pós-kleinianos (Aguayo, 1997), ora kleinian-freudians (Schaffer, 1999), ora simplesmente kleinianos segundo preferem alguns. Elizabeth Spillius (comunicação pessoal)¹ é crítica da expressão *pós-kleinianos*, pois esta comunicaria uma idéia de superação da obra de Melanie Klein. Ela propõe que utilizemos em seu lugar a expressão kleinianos contemporâneos.

Joseph Aguayo mostra em seu estudo destes autores de que modo um pensamento solidamente ancorado em Melanie Klein, influenciado posteriormente por Bion, Rosenfeld, Segal e mais recentemente sobretudo por Betty Joseph, continua através de momentos de ruptura a evoluir e a enriquecer a clínica psicanalítica contemporânea. Essa visão de um sistema rico em constante desenvolvimento se contrapõe a uma outra, simplificadora e caricatural, por ser estereotipada, da psicanálise kleiniana. Roy Schaffer (1999) já havia comentado esta questão ao dizer:

Neste estereótipo, o analista onisciente e incansavelmente lança mão até mesmo das associações que parecem mais fortuitas e acidentais para explicar em grande profundidade o analisando para o analisando; ênfase particular é dada aos órgãos do corpo, zonas e modos (objetos parciais anatômicos). Indiferente às narrativas conscientes de circunstâncias de vida passadas e presentes, o analista envolve-se num giro livre de interpretações simbólicas e detalhadas reconstruções do passado infantil precoce, e este inexorável

¹ Comunicação pessoal da autora com Elizabeth Spillius.

reducionismo não manifesta nenhuma preocupação com o preparo do paciente para algo deste gênero. Por muito tempo, este estereótipo limitou o reconhecimento devido aos kleinianos contemporâneos como uma importante força progressista na psicanálise atual. (1999, p.462).

Este comentário naturalmente não diz respeito somente à América do Norte. Muitas das resistências ao pensamento de Melanie Klein e às contribuições dos analistas por ela inspirados provêm de uma leitura marcada por um viés a-histórico que cria no leitor a impressão de estar diante de um sistema fechado e, em alguns pontos, contraditório. Ao perder a perspectiva histórica, expressa nas inumeráveis rupturas e continuidades seguidas de novas rupturas, o analista que não conheça profundamente o sistema kleiniano confunde-se, vendo fechamento quando a questão é de manutenção da coerência interna como postura metodológica. Nessas circunstâncias, dificilmente um leitor pode se dar conta da existência, neste grupo kleiniano de Londres, de um pensamento em constante evolução, de um sistema com necessidades conceituais próprias, que resulta em práticas clínicas que sofreram e ainda sofrem grandes transformações no decorrer do tempo.

Aguayo, ao buscar historicizar o desenvolvimento de uma abordagem conceitual e clínica destes analistas, contribui diretamente para mostrar ao público leitor a presença de um pensamento vigoroso em movimento e um sistema em constante diálogo com os fatos da clínica e as necessidades teóricas decorrentes da abordagem kleiniana, respondendo a questões que surgem proeminentemente da clínica.

Estamos aqui, curiosamente, duas brasileiras e um norte-americano refletindo sobre o trabalho de três autores do grupo kleiniano inglês. Esta composição poderia parecer aleatória (e em parte o é), mas penso que um painel sobre este tema só seria possível se fosse constituído por analistas de fora do grupo inglês, ainda que com laços estreitos e significativos com este. Para os próprios autores em questão, acredito que seria mais difícil refletir sobre sua inserção histórica na psicanálise de forma mais ampla.

Fiz minha formação no grupo kleiniano de Londres, onde vivi em estreito contato com o pensamento e a clínica do grupo de autores estudado por Aguayo. Depois retornei ao Brasil e agora estou mergulhada num outro ambiente psicanalítico e cultural. Considero-me, nestas condições, uma observadora externa e vejo como muito produtiva a *démarche* de J. Aguayo que me permite observar um processo de pensamento e de prática clínica em pleno desenvolvimento.

Ao abordar a obra de três autores contemporâneos do grupo kleiniano da Sociedade Britânica de Psicanálise, R. Britton, J. Steiner e M. Feldman, J. Aguayo

em seu ensaio cria também, sem ter por objetivo primordial fazê-lo, uma perspectiva ideológica para abordar a história do desenvolvimento do pensamento kleiniano na Inglaterra. Gostaria de me concentrar, ainda que de forma sumária e breve, na questão do que significa fazer história de um pensamento.

A primeira questão que tentaríamos examinar refere-se à escolha destes três autores e à existência ou não de uma unidade no seu pensamento, sugerida por tratá-los conjuntamente. Esta é uma questão intrincada. De um lado, eles são dos mais produtivos e influentes do grupo, o que já justificaria a escolha, de outro, tratam de temas afins na tradição das temáticas kleinianas, mas poderíamos também argüir tal como E.H. Carr (1984):

Toda história é a história do pensamento, e história é a re-encenação, na mente do historiador, daquele pensamento cuja história ele está estudando. (1984, p.22)

A escolha dos autores a serem estudados e dos aspectos de suas obras a serem considerados contém uma certa dose de arbitrariedade, mas de outra parte responde igualmente à pressão de uma época e de um meio cultural. Dois destes três autores (Britton e Steiner) estão se constituindo curiosamente, segundo pesquisas recentes, nos autores mais citados no Brasil depois de Betty Joseph e Hanna Segal.

Quanto à existência ou não de uma certa unidade no pensamento desses três autores, a questão me parece não ser central do ponto de vista conceitual deste ensaio. Certamente há articulações consideráveis entre estes prolíficos pensadores e buscar descrevê-las é importante do ponto de vista de um observador externo que deseje entender como o pensamento de Melanie Klein frutificou e se desenvolveu em torno das grandes questões da clínica contemporânea. Para que se possa perceber a existência de um diálogo subjacente, ainda que não consciente, numa escola de pensamento, é necessária uma distância do observador, de modo que o historiador ou ensaísta possa se ver livre das influências próprias à dinâmica endogâmica. Na cultura, assim como na vida, é necessário que desenvolvamos o que Britton chama de *espaço triangular* (Britton, 1989) “[...] o espaço formado por três pessoas da situação edípica e todo seu potencial de relacionamentos”. (p.86)

No caso destes, é importante buscar em seus trabalhos, como já acentuamos, o processo de construção de conceitos como resposta tanto a necessidades teóricas quanto aos fenômenos observados *na e* impostos pela clínica e de fazê-lo naturalmente, sem perder a perspectiva da interação dialética entre estes dois níveis de formulações.

Klein e seus principais seguidores na época, H. Rosenfeld, Bion, H. Segal,

B. Joseph, ao explorarem as relações de objeto, de caráter narcísico e o conceito de identificação projetiva e suas implicações na área da obstrução do pensamento simbólico, criaram a esperança de que pacientes até então considerados não analisáveis pudessem ser compreendidos psicanaliticamente. Betty Joseph, com sua fina abordagem da transferência, ao mostrar que nossos pacientes nos recrutam para seus sistemas de funcionamento psíquico através da pressão, a fim de que atuem de determinada maneira e sintamos certas emoções, abriu o caminho para um aprofundamento da compreensão do caráter paralisante de certas defesas e as portas para o entendimento de como se constituem complexos sistemas de defesa. Seu pensamento está na base da reflexão dos três; depois, cada um a sua maneira vai desenvolver hipóteses específicas com referência a estas questões.

Numa primeira mirada, o sistema kleiniano parece pouco permeável a influências externas vindas de analistas de outros grupos. Esta observação é apenas parcialmente verdadeira, mas pode ser limitante e simplista em relação ao que realmente ocorre. O sistema kleiniano tem seu próprio timing, fruto em parte da pressão interna sobre o sistema para que se mantenha coerente. Deste modo, as influências de outras escolas nunca são assimiladas diretamente, pois antes necessitam ser metabolizadas dentro do próprio sistema (única forma de incorporação possível), sendo que, neste processo, desaparece a autoria inicial devido à reformulação que esta sofre. Exemplos disto estão presentes em toda teorização sobre os impasses analíticos, paralisação do pensamento, não desenvolvimento do pensamento simbólico, preocupação presente nestes três autores e também em André Green, Thomas Ogden, Roy Schaffer, Otto Kernberg, para citar apenas alguns.

O sistema kleiniano teve sua origem no exame das raízes da atividade mental em crianças e levou ao desenvolvimento da compreensão minuciosa de como opera o infantil no adulto. Este escrutínio detalhado e cuidadoso continua sendo uma parte importante da clínica kleiniana. Esta origem do sistema gerou uma crítica de outras abordagens, de que os kleinianos tratam como se estivessem sempre presentes ansiedades e defesas arcaicas, que, para estes outros, só estariam presentes ocasionalmente, em situações extremas. Para os kleinianos de Londres, estes estados, no entanto, se constituem no foco das distorções das relações objetivas e impedem o pleno desenvolvimento dos indivíduos e é nestes estados impeditivos que o analista deve centrar seu foco. Por serem estados muito arcaicos, tenderão a surgir na análise através de *enactements* do paciente. Assim, a fina distinção entre *enactment*, *communication* and *containment* sempre será central neste trabalho analítico. Estes três autores, examinados argutamente por Aguayo, se dedicaram ao estudo e à diferenciação destas três funções. Disto decorre a necessidade de

uma participação ativa e freqüente do analista nas sessões, pois este se transforma no meio ambiente onde estas funções operam.

Críticos do sistema kleiniano acentuam que Klein e os analistas por ela inspirados não dão qualquer importância ao mundo externo. Neste contexto, é paradoxal a importância do analista no processo analítico. Os autores sob exame têm procurado compreender as diversas maneiras pelas quais este *ambiente externo/analista* influencia o paciente e é por ele influenciado e os diversos fatores que paralisam as funções de metabolização da experiência psíquica. Essa perspectiva dá origem aos trabalhos sobre contratransferência e aos estudos minuciosos da situação edípica, sobretudo em Britton e Steiner.

A participação mais ativa na sessão, característica de parte desses analistas é muitas vezes reduzida de forma simplista a uma crítica que os acusaria de excesso de intrusividade ou de adesão a uma técnica caracterizada pela violência da interpretação. Não se trata de intrusividade, mas de uma conduta que se sustenta na lógica interna de seu sistema teórico. Se o analista é parte do espaço interacional, no qual se constitui o psiquismo, então o analista opera como ambiente externo e funciona como uma enzima que promove as transformações no psiquismo que permite o desenvolvimento do pensamento. É preciso considerar que, subjacente a esta concepção interacional da constituição do psiquismo, está também presente uma concepção de saúde mental que tem seu pilar num movimento natural do ego em busca da integração, nem sempre conseguida e freqüentemente obstaculizada pelo sistema defensivo do paciente. Green (2000) comenta:

Como o objeto possui um aparelho para pensar, ele pode transformar os pensamentos primitivos, reenviando-os ao bebê, de forma a capacitá-lo a re-introjetá-los e vir ele próprio, bebê, a se tornar assim, um pensador que deverá lidar por si só com seus pensamentos. Esta concepção é um dos raros exemplos que mostra a articulação de uma perspectiva *intrapsíquica* com uma *intersubjetiva*. (grifos nossos) (2000, p. 135)

Há outros desenvolvimentos conceituais que me parecem básicos, por terem influenciado os processos de observação dos fenômenos clínicos, que permitiram tanto a continuidade como a eventual ruptura no pensamento clínico desses três autores. Neste sentido, uma melhor caracterização do conceito de objeto interno e de objeto parcial foi central. Rosenfeld, Segal, Betty Joseph e Bion aos poucos aprimoraram, através de suas observações clínicas, a compreensão do objeto interno e o foram caracterizando como algo que adquire seu significado e sua função nas múltiplas relações que estabelece com o ego. A partir desta conclusão, podemos

compreender a origem e a importância da ampliação do conceito de objeto parcial introduzida por Bion em 1962, quando o caracteriza menos como análogo a uma estrutura anatômica e mais relacionado com sua função mental. Spillius (1983), a autora que até agora fez os estudos mais aprofundados e significativos do desenvolvimento do pensamento kleiniano na Inglaterra, enfatiza que se trata de uma mudança de ênfase, de uma concepção baseada em estrutura para outra baseada em funções exercidas no interior da mente.

Abandona-se, progressivamente, uma visão maniqueísta em termos da oposição bom-mau, que passa a ser considerada como simplificadora de uma situação interna muito mais complexa. Complexas organizações defensivas são construídas para manter os aspectos mais necessitados e sadios do *self* caracterizados por Bion como não psicóticos, isolados dos objetos que cumprem uma função nutridora promovendo o desenvolvimento emocional. Diversos trabalhos clínicos são apresentados mostrando que, nas partes boas do *self*, estão alojados também aspectos maus, assim como nos aspectos maus existem aspectos bons. Dessa forma, os analistas deste grupo, especialmente John Steiner com a descrição e os estudos dos possíveis conluíus entre diversos aspectos do *self*, aprofundam significativamente a natureza da interação em operação em relação transferencial e das defesas ali utilizadas.

A associação destas idéias, com a caracterização de Rosenfeld das organizações narcísicas e do papel do narcisismo destrutivo, com a abordagem microscópica dos movimentos transferenciais proposta por Joseph, resulta num conjunto de idéias seminais na obra destes três autores.

Podemos notar a influência desta síntese de idéias, por exemplo, ao examinarmos o conceito de organizações patológicas e refúgios psíquicos, assim como os trabalhos de Britton sobre o Édipo e os de Feldman sobre identificação projetiva. Em 1964, Rosenfeld sugere que as relações objetais narcísicas são defesas contra qualquer reconhecimento da existência de uma separação entre *self* e objeto. O reconhecimento da separação levaria a sentimentos de dependência do objeto e à ansiedade, pois, ao reconhecer que o objeto tem algo bom, a inveja é estimulada, produzindo sentimentos hostis. Temos aqui uma das descobertas mais originais de Rosenfeld, qual seja, a de que o narcisismo é uma defesa contra a inveja. A implicação mais imediata desta descoberta é que a inveja dificilmente aparece diretamente no material do paciente. O foco da observação e da interpretação tornam-se, então, as relações de objeto de caráter narcísico e as diversas organizações mentais que podem ser construídas para evitar o contato com sentimentos hostis, de humilhação e vergonha, e que, freqüentemente, implicam em cisões que

eliminam a parte da personalidade capaz de ter sentimentos, ou seja, a própria capacidade de sentir é projetada.

Britton, profundamente influenciado por Rosenfeld, vai concentrar-se na observação das dificuldades resultantes da não percepção do *self* como separado do objeto e nos problemas que esta dificuldade coloca para a elaboração do conflito edipiano. Para que ocorra a elaboração da situação edipiana e se desenvolva a identidade daí decorrente, é preciso que, de um lado, a criança se sinta separada de seus objetos e, de outro, que seja capaz de diferenciar os pais entre si e de desenvolver uma relação própria com cada um deles. Dentre outras razões, estas diferenciações se tornam necessárias para que a má relação com um dos pais seja mitigada pela boa relação com o outro. A não diferenciação dos pais como figuras individualizadas, por exemplo, dificulta ou até impede a elaboração da inveja através dos ciúmes. Britton aprofunda esta questão ao propor o conceito de espaço psíquico tridimensional.

Steiner adota o mesmo foco neste desenvolvimento conceitual e, a partir de suas observações clínicas, aprofunda a problemática da criação dos *refúgios psíquicos* como forma de não enfrentar a realidade psíquica da separação e, conseqüentemente, dos seus sentimentos de ódio (e seus efeitos em fantasia em relação à integridade do objeto) e mágoa em relação aos pais, que sente como traidores. Assim, Steiner desenvolve de forma complementar a Britton toda a problemática do ressentimento, do remorso, da necessidade da vivência e verbalização da indignação e a questão das condições nas quais a reparação pode ocorrer. Ele mostra a importância da frustração dos desejos infantis (fazer parte do casal) e, conseqüentemente, da decepção que gera indignação contra os pais, como parte do processo de desenvolvimento e da elaboração depressiva da situação edipiana. Poderíamos dizer que aqui ele discute o papel positivo de se confrontar com o ódio que sente pelos pais no processo de desenvolvimento, o que propicia a *solução depressiva* do conflito edípico. O estudo da situação édípica leva-os a acentuar o papel do luto como fator facilitador ou dificultador do processo de elaboração edípico. Este conceito acaba por se tornar um conceito chave em suas respectivas obras e muito central para promover o contato com a realidade psíquica e para a integração do ego. Os processos de elaboração do luto, hoje, ocupam um espaço importante no estudo do desenvolvimento psíquico e nos processos de simbolização. O luto deixa de ser simplesmente um estágio a se atingir, mas torna-se o processo mesmo (o grande processo pelo qual o desenvolvimento é ativado) através do qual a mente se desenvolve.

Não importa aqui saber se Steiner e Britton conversaram previamente ou não, se trabalharam juntos ou separados, se seus pensamentos têm unidade ou se

se diferenciam. O que é importante, a meu ver, é dar-se conta de que ambos estão trabalhando uma mesma problemática imposta pela clínica e que esta só surge a partir de um trabalho clínico baseado em certas premissas, de uma observação da transferência de forma microscópica, como propõe Betty Joseph, sem perder de vista as fantasias inconscientes que estão sendo atuadas na relação transferencial, como sempre foi acentuado por Segal e Rosenfeld.

Feldman parte do que parece ser a abordagem natural de um kleiniano profundamente influenciado pela técnica psicanalítica de Betty Joseph. Ele, ao mesmo tempo, é muito marcado por uma atenção especialmente dirigida à riqueza das relações objetais no mundo interno do paciente, preocupação esta permanentemente presente em Rosenfeld, um autor apreciado por Feldman. Seu trabalho se dirige a um detalhamento microscópico do que se passa na relação transferencial e, desta maneira, promove um exame minucioso de vários conceitos clínicos kleinianos enquanto ativos na sessão. Se seguirmos de perto seu trabalho, observamos como, através da interpretação das identificações projetivas em curso, este autor vem trabalhando a questão do eixo central da identidade. Esta, curiosamente seguindo a trilha de algo já apontado por De Chiara (1982), ou seja, que a identidade se estabelece não através das características estruturais dos objetos internos, mas sim por meio do modo mais estável de os objetos internos se relacionarem uns com os outros. Este trabalho também se constitui em outro exemplo de como o intrapsíquico se articula com o intersubjetivo.

Com a mudança de ênfase da observação do que se passa na transferência do indivíduo em relação ao par analítico para as interações que estão se criando, a partir de atuações convidadas pelo paciente e complementadas pelas respostas do analista a estas, sugiro que se está criando um novo tipo de clínica e, correspondentemente, uma nova abordagem metapsicológica. A. Green (1983) refere-se a esta mudança de ênfase como produzindo uma espécie de terceira tópica, cujos pólos são o *self* e o objeto. Ele atribui esta nova concepção a uma pressão da experiência que fez os psicanalistas necessitarem de uma construção teórica mais profundamente enraizada na clínica. Dito de outra forma, não teríamos a prática de um lado e a teoria de outro, mas uma teoria que seria somente —o que não é o caso em Freud— *teoria da clínica*.

Claramente, sem terem como objetivo este desenvolvimento, nem estarem provavelmente conscientes destas implicações e deste movimento, Steiner, Feldman e Britton estão contribuindo para que a psicanálise avance nesta direção. Estudos como o de Aguayo permitem que diversas posturas teóricas sejam colocadas para dialogar e interagir, na medida em que desvelam os mecanismos dinâmicos através dos quais novos conceitos são gerados, a partir de necessidades teóricas impostas

pela clínica, que por sua vez criam um novo nível de dinâmica no pensamento psicanalítico. André Green (2003) enfatiza a necessidade de estudarmos este *tipo específico de racionalidade* que ele chama de *pensamento clínico*. Do mesmo modo como há um pensamento filosófico, um pensamento religioso, há um pensamento clínico cujas formas de racionalidade e dinâmicas internas precisam ser entendidas e cuja dinâmica interna necessita ser desvelada.

Ao que eu saiba, nem Feldman, nem Britton, nem Steiner têm qualquer preocupação metapsicológica presente em seus trabalhos e muito menos a intenção de criar uma nova metapsicologia ou um tipo de racionalidade clínica; no entanto seus trabalhos clínicos têm esta consequência. Se este desenvolvimento é útil ou não, só o futuro dirá. Guy Hall (2003), em seu livro sobre as controvérsias entre os pensamentos de Klein e Lacan, escreve:

O paradoxo é que não pode haver nenhum diálogo até que a magnitude das diferenças existentes seja reconhecida, e é somente a partir disto que uma base comum pode ser vislumbrada. É significativo que aquilo que precisa ser compartilhado é a concretização da idéia de que a compreensão mútua só pode florescer através da aceitação de um conjunto particular de convicções que, por definição, exclui o outro conjunto, e tais contradições não podem ser facilmente acomodadas, já que não há uma sensação de integração. É difícil resistir à tentação de não atenuar as diferenças ou produzir falsas concordâncias. Em lugar disto, o que se faz necessário é a reformulação dos sistemas irreduzíveis de cada um. (2003, p.11)

Para chegarmos a este nível de diálogo com outras abordagens psicanalíticas, fato que se impõe hoje no novo contexto mundial que força a quebra de barreiras nacionais, regionais, ideológicas, é necessário que, antes de delimitarmos as especificidades de cada *escola* ou autor, sejamos levados também a buscar as unidades e complementaridades, de forma a podermos entender a dinâmica interna do pensamento clínico de cada *família* teórica.

Ao enfatizarmos aspectos que unem estes três pensadores, não estamos negando suas individualidades e diferenças. Muitas dessas diferenças se devem mais às áreas escolhidas para desenvolverem seus pensamentos do que a diferenças conceituais. Creio também que este ensaio de Aguayo permite ilustrar um certo modo de proceder ao estudo e interpretação de textos da própria história da psicanálise. Isto quer dizer, basicamente, entender, ou, como diz Skinner, *enfocar a matriz mais ampla, social e intelectual da qual suas obras nasceram* (nessa perspectiva, os trabalhos de Pétot são exemplares desta abordagem). Skinner ressalta que a natureza

e os limites do vocabulário normativo disponível, em qualquer época dada, também contribuirão para determinar as vias pelas quais certas questões específicas virão a ser identificadas e discutidas. Neste mesmo texto, Skinner propõe que os autores estão *fazendo* algo quando escrevem e não apenas expressando algumas idéias. Ao escrever, estão respondendo a uma preocupação de seu tempo, intervindo num debate, reformulando questões propostas em sua época.

Um autor se constitui como tal não pelas respostas dadas aos problemas que tenta resolver, mas pela própria escolha da problemática por ele introduzida. Dito de outra forma, o autor se constitui pela qualidade das perguntas que faz, seja à teoria ou ao material clínico, e tanto mais entrará para a história quanto mais suas questões forem relevantes. Autores são aqueles que nos apresentam uma problemática que não pode mais ser ignorada e que sintetiza questões do saber de um determinado campo de conhecimento de uma época. São questões que se impõem e captam o interesse de alguém, que geram uma problemática aberta, oferecendo uma perspectiva de ampliação permanente do conhecimento.

Elizabeth Spillius, em suas introduções aos autores publicados nos dois volumes de textos intitulados *Melanie Klein Hoje*, em seus dois volumes, não faz uma história cronológica dos conceitos analíticos na obra de M. Klein ou dos autores kleinianos, mas uma aproximação passível de ser definida genericamente como *genealógica*. Aguayo também não pretende fazer outra abordagem que não a de caráter genealógico, procurando articular os conceitos gerados por estes três analistas da escola kleiniana inglesa. O pensamento psicanalítico, como as ciências da natureza, não se desenvolve por simples acumulação de novos conhecimentos, mas por aprofundamento progressivo. Laplanche diz:

Como o pensamento psicanalítico progride? Por repetição e ruptura, por banalização e reafirmação, por circularidade e aprofundamento. Os momentos inovadores também são retorno à fonte. *O aprofundamento é reafirmação de uma exigência originária.* (1987, p. 52)

Aguayo faz, em seu artigo sobre Britton, Feldman e Steiner, uma descrição das principais linhas do trabalho clínico e de seus momentos de ruptura e de inovação resultantes do aprofundamento de conceitos encontrados na obra de Klein. Há, nessa idéia, um paralelismo em relação ao processo descrito por Ronald Britton sobre como opera o desenvolvimento psíquico, a partir de superações em espiral da posição depressiva, num continuum que implica em breves retornos à posição esquizoparanóide. A cada ruptura, o sistema em crise se organiza de forma mais

rica, incorporando novas idéias que gerarão uma acomodação e uma nova coesão. Segundo Britton (1998):

Entretanto, a teoria kleiniana da cognição, conforme se desenvolveu desde os anos de 1960, sugere que a posição depressiva não é ponto final de repouso, que abandonar a segurança da coerência da posição depressiva em favor de uma nova rodada de incertezas, perseguições e fragmentações é necessário para o desenvolvimento. (1998, p. 72)

Faz-se claro, em seus ensaios sobre o tema, que os analistas por ele estudados não só tinham em seus consultórios um espaço dedicado a compreender o sofrimento humano, mas também um laboratório que permitia a observação dos movimentos emocionais dos pacientes e dos analistas nos seus pormenores quase que microscópicos. Esse tipo de observação dos movimentos emocionais em pequena escala tornou-se uma característica da clínica de inspiração kleiniana nas duas últimas décadas e nos permitiu compreender melhor como o equilíbrio psíquico patológico é mantido e que fatores permitem ou impedem as transformações.

Qualquer teoria tem que ser rigorosa e ao mesmo tempo aberta a novas indagações, sendo que toda teoria importante mantém viva uma capacidade de resiliance. Colingwood, no volume intitulado *The Idea of History* citado por Carr (1984) afirma:

O historiador precisa re-encenar o que aconteceu na mente de seus *dramatis personae*, de forma que o leitor, por sua vez, possa re-encenar o que ocorre na mente do historiador. (1984, p.23)

Esta é a perspectiva que proponho adotar e que sugiro que a audiência adote ao examinar este rico ensaio do Dr. J. Aguayo. □

Abstract

Who has fear of Melanie Klein? Or continuity and rupture: commentaries to the study of the thoughts of J. Steiner, M. Feldman and R. Britton

This paper is a comment based on Joseph Aguayo's work presented at the Psychoanalytical Congress held in 2005 in Rio de Janeiro. The author of this comment tries to show that the kleinian system has its own timing, which is in part the result of the internal pressure that pushes the system towards coherence. In this

way the influences of other schools are never readily assimilated, once that they need first to be metabolized within the system itself (only way of incorporation that is possible). The original authorship is lost in this process due to the reformulation it goes through. From this perspective the kleinian system is viewed as very much alive and in full development. The contemporary kleinian contributions as well as their significance are approached through the historical perspectives of E.H. Carr and Q. Skinner.

Keywords: Kleinian system. Kleinian thought. Contemporary kleinians. Object relation. Transference. Countertransference. Projective identification. Psychoanalytic technique.

Resumen

¿Quién tiene miedo a Melanie Klein? O continuidade y ruptura: comentarios a los estudios de los pensamientos de J. Steiner, M. Feldman y R. Britton

Este artículo es un comentario basado en el trabajo de Joseph Aguayo, presentado en el Congreso de Rio de Janeiro, en 2005. Aquí, busco mostrar que el sistema kleiniano tiene su propio timing, fruto, en parte, de la presión interna al sistema para que se mantenga coherente. De este modo, las influencias de otras escuelas nunca son asimiladas directamente, pues antes necesitan ser metabolizadas dentro del sistema mismo (única forma de incorporación posible), siendo que, en este proceso, desaparece la autoría inicial debido a la reformulación que ésta sufre. En esta perspectiva, el sistema kleiniano se revela muy vivo y en pleno desarrollo. Los aportes de los kleinianos contemporáneos y su significado son abordados a partir de la perspectiva histórica de E. H. Carr y Q. Skinner.

Palabras llave: Sistema kleiniano. Pensamiento kleiniano. Kleinianos contemporáneos. Relaciones de objeto. Transferencia. Contratransferencia. Identificación proyectiva. Técnica psicoanalítica.

Referências

AGUAYO, J. (1997). Historicizing the origins of Kleinian psychoanalysis-Klein's analytic and patronal relationships with Ferenczi, Abraham and Jones, 1914-1927. *Int. J. Psychoanal.*, v.78, n.1, p. 1165-1182.

- BRITTON, R. (1989). The missing link: parental sexuality in the Oedipus complex. In: *The Oedipus Complex Today*, ed. J. Steiner. London: H. Karnac Books.
- . (1998). *Belief and Imagination*. London: Routledge.
- CALVINO, Italo. (1964). *O cavaleiro inexistente*. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- CARR, E. H. (1984). *What is History?* London: Penguin Books.
- DE CHIARA, G. (1982). Recensioni di “Teoria delle ‘Identificazione’”, di L. Grinberg. *Riv. Psicoanalisi*, v.28, n.4.
- FELDMAN, M. (1997). Projective identification: the analyst’s involvement. *Int. J. Psychoanal.* v.78, n.4, p. 227-243.
- GREEN, A. (1983). *Conferências brasileiras*. Rio de Janeiro: Imago.
- . (2003). *La pensée clinique*. Paris: Odille Jacobe.
- . (2000). *Le cadre analytique, in: L’avenir d’une désillusion*. Paris: P.U.F.
- HALL, G. (2003). *The Klein-Lacan dialogues*. London: Rebus.
- LAPLANCHE, J. B. (1987). *Nouveaux fondements pour la psychanalyse*. Paris: PUF.
- ROSENFELD, H. (1964). On the psychopathology of narcissism. *Int. J. Psychoanal.* v.45, p.332-337.
- SCHAFFER, Roy. (1999). *Contemporary kleinian Psychoanalysis*. New Jersey: Routledge.
- SKINNER, Q. (1969). *History and Theory*. Middletown: Wesleyan University Press.
- SPILLIUS, E. (1983). Some developments from the work of Melanie Klein. *Int. J. Psychoanal.* v.64, p.321-332.
- . (1990). *Melanie Klein hoje: desenvolvimento da teoria e técnica*. v.1. Rio de Janeiro: Imago.
- . (1991). *Melanie Klein hoje: desenvolvimento da teoria e técnica*. v.2. Rio de Janeiro: Imago.

Recebido em 13/03/2006

Aceito em 13/04/2006

Revisão Técnica de **Anette Blaya Luz e Magali Fischer**

Tradução de **Elizabeth Lima da Rocha Barros**

Elizabeth Lima da Rocha Barros

Rua Dr. Homem de Mello, 644/42 – Perdizes

05007001 – São Paulo – SP – Brasil

e-mail: erbarro@terra.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA